

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Valdelaine de Cássia Silva Pereira

**GÊNERO E RELIGIÃO: UM ESTUDO NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
EM JUIZ DE FORA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas.

JUIZ DE FORA
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E

AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, VALDELAINE DE CÁSSIA SILVA PEREIRA, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201373145A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado GÊNERO E RELIGIÃO: ESTUDO NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM JUIZ DE FORA, desenvolvido durante o período de 05/02/2017 a 13/07/2017 sob a orientação de PROF. DRA. CÉLIA DA GRAÇA ARRIBAS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

VALDELAINE DE CÁSSIA SILVA PEREIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou (X) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

GÊNERO E RELIGIÃO: UM ESTUDO NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

EM JUIZ DE FORA

Valdelaine de Cássia Silva Pereira¹

RESUMO

Este artigo tem como propósito discutir a construção religiosa dos papéis de gênero a partir da percepção de fiéis católicos que compõem a Equipe de Liturgia da Comunidade do Divino Espírito Santo, no bairro Santa Cruz, na cidade de Juiz de Fora. Através da aplicação de questionários semi-estruturados com homens e mulheres dessa equipe de liturgia, buscou-se compreender se e como, na sociedade brasileira secularizada, em que existem mecanismos plurais de construção da subjetividade, a religião ainda exerce influência significativa na maneira como os sexos se reconhecem socialmente. De modo geral, presenciou-se uma relativização do poder significante da religião católica entre os fiéis entrevistados. Se, por um lado, os entrevistados tendem a concordar com as diretrizes da igreja católica em relação à divisão de funções entre os gêneros dentro do corpo eclesial, isto é, entre aqueles e aquelas que escolhem se dedicar à Igreja Católica (padres, bispos e freiras), por outro lado, as orientações normativas da igreja sobre os papéis de gênero e sobre os comportamentos sexuais têm menos apelo frente a outras dimensões da vida social que contribuem para a construção social dos gêneros.

Palavras chaves: religião, catolicismo, gênero, família.

INTRODUÇÃO

A Comunidade do Divino Espírito Santo foi fundada em Junho de 1995 num bairro periférico da região norte de Juiz de Fora. Sua edificação tem capacidade para receber cerca de 100 pessoas. Dentre seus frequentadores, há pessoas que fazem parte desta comunidade desde sua fundação, ou seja, há 22 anos, e entre estes estão alguns dos entrevistados para este trabalho. A comunidade pertence hierarquicamente à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, administrada por um pároco, que responde pela paróquia perante categorias superiores da Igreja Católica, e conta com um grupo de fiéis leigos e leigas que assumem o compromisso de distribuírem entre si as tarefas constantes dos momentos das celebrações litúrgicas. A equipe de liturgia dessa comunidade – o foco de análise do presente trabalho – é formada por um terço de homens e dois terços de mulheres e as tarefas são assumidas a cada semana conforme a disponibilidade de cada pessoa. Como não se trata de um trabalho etnográfico, nos limitaremos a analisar os dados quantitativos, porém há de se destacar que, acompanhando este grupo há mais de dez anos, em uma “participação observante”, como diria Wacquant (2000), é possível traçar, com um pouco mais de propriedade, um razoável perfil do grupo.

Dada a proximidade, através de vivência assídua, com a equipe de liturgia, pode-se afirmar que há um alto nível de comprometimento dos membros ante as responsabilidades assumidas. Podemos dizer que este comprometimento é mais espiritual do que religioso, recordando, neste aspecto, o que diz Paiva (1998) sobre o entendimento do filósofo William James em relação à experiência religiosa, ou seja, a capacidade que o ser humano possui de entrar em comunhão direta com o divino, através do sentimento singular e de estruturas afetivas que extrapolam o poder da razão. A religião sistematizada viria em segundo plano, depois desta experiência espiritual que seria a mais importante.

Em razão do número de participantes da equipe, e das várias funções a serem exercidas pelo grupo, existe um coordenador responsável pela comunidade, o que não lhe dá necessariamente autoridade sobre os demais membros da equipe. Nessa comunidade, a função da coordenação atualmente é exercida por uma mulher. O que ocorre neste caso em particular é que todas as decisões são tomadas em consenso junto ao grupo, ficando reservada à coordenadora a tarefa de “oficializar” as mesmas perante a assembleia e a Paróquia. Essa equipe é formada por 20 pessoas, sendo cinco homens e quinze mulheres. A idade dos homens varia entre 30 e 74 anos, e a idade das mulheres entre 16 e 68 anos. A escolaridade é muito diversificada. Temos desde não alfabetizados, gente com ensino superior e até pós-graduados. Entre as mulheres, há donas de casa, advogada, enfermeira, autônomas e estudantes. Entre os homens, há técnicos em eletrônica, assistentes administrativos e aposentados.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: vpereira140674@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas.

As celebrações litúrgicas são para eles um momento especial reservado para a exaltação e o culto ao Senhor Deus; é a hora de concentrar e elevar os pensamentos em busca de um contato com o sagrado, a fim de preencher o “lugar” do divino em suas vidas cotidianas; trata-se, portanto, de um momento de reflexão espiritual.

Mas para além da aliança espiritual com Deus e com os “irmãos” nesses momentos extracotidianos, o grupo também trava constantes diálogos sobre a vida que os cerca no cotidiano. Nesse espaço, é possível observar que os fiéis têm consciência do que acontece à sua volta. Mesmo que tomados por um senso comum, entendem e discutem sobre as mudanças ocorridas na atual sociedade. Eles estão cientes, por exemplo, das transformações, nas últimas décadas, do cenário religioso no Brasil, do declínio das religiões tradicionais, como atesta Pierucci (2004) em suas análises sobre o censo demográfico de 2000.

Embora presenciemos hoje, na sociedade brasileira secularizada, um processo de autonomização das diferentes esferas de valor (WEBER, 1982) – política, economia, arte, ciência, religião etc. –, relativizando cada vez mais o papel da religião sobre a construção da subjetividade do indivíduo, ou seja, a religião já não ocupa mais o lugar de “matriz cultural totalizante”, deixando de ser o centro organizador das relações sociais, ela ainda assim exerce influência significativa no cotidiano das pessoas. Não se trata de falar aqui do processo de secularização como algo linear que, paulatina e progressivamente, exclui a religião do campo das instituições produtoras de sentido. A influência das religiões continua ativa frente à construção da subjetividade humana, sobretudo em relação à construção social dos sexos. Mas essa relação não deixa de ser tensa, pois tenso é o tema da sexualidade no contexto da religião.

O que nos interessa analisar particularmente neste trabalho são as percepções dos e das integrantes desse grupo em relação aos papéis sociais de gênero no intuito de compreender se e como a religião ainda pode ser tomada como influenciadora no processo de construção social dos sexos. O artigo da socióloga Sandra Duarte de Souza (2008) é para nós de suma importância para dar entendimento relativo às questões que pretendemos abordar aqui. Ela afirma que:

“Se, por um lado, na atualidade, existe certo consenso nas Ciências Sociais acerca da importância do fenômeno religioso como dinamizador da sociedade, por outro, parece que a abordagem desse objeto tem dado pouca atenção aos aspectos de gênero que o envolvem. Gênero e religião compõem uma equação ainda pouco discutida e pouco admitida, abordada de forma muito acanhada. O número reduzido de publicações a esse respeito é um indicador importante da pouca atenção que se tem dedicado à religião como um mecanismo ainda eficaz de construção e redefinição das identidades de gênero, mesmo no contexto de uma sociedade secularizada. Num país declaradamente religioso como o Brasil, mesmo que o poder religioso esteja relativizado pelas implicações da secularização, pensar as representações de gênero demanda pensar o papel da religião na construção social dos sexos. Daí a importância da discussão da relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião.” (Souza, 2008, p.16)

A construção religiosa dos sexos e suas tensões

Para a realização do presente trabalho contamos com a aplicação de um questionário semiestruturado junto aos integrantes da equipe de liturgia da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Juiz de Fora. Este questionário é composto por 24 perguntas, sendo que, para melhor apurar as perspectivas dos entrevistados sobre o assunto abordado, parte das questões foi de perguntas abertas. O referido questionário encontra-se no anexo I deste texto e foi aplicado entre os dias 01 e 16 de junho de 2017. Nesta modesta amostra de pesquisa é possível perceber claramente os diversos exemplos de relações díspares entre os fiéis e sua religião, assim como Souza também pôde constatar em seu trabalho.

Perguntas que pensávamos ser de cunho embaraçoso para os entrevistados foram respondidas livremente, sem nenhuma reserva, excluindo, é claro, o desconforto “natural” de falar sobre assuntos considerados tabus em nossa cultura. Suas percepções, seus posicionamentos relativos a esses assuntos foram expostos com sinceridade. Um exemplo disso foram as perguntas sobre sexo antes ou fora do casamento, e sexo só para procriação (TABELA 1). Os fiéis enfatizam suas opiniões de forma positiva e convicta, independentemente da pergunta e do gênero a respondê-las. Homens e mulheres de forma bem distribuída responderam que concordam em parte com o sexo antes do casamento. Apenas um concorda totalmente, e outro discorda totalmente. Quanto ao sexo só para procriação, do universo de 13 entrevistados, apenas um não

respondeu, outro não concorda nem discorda, um terceiro concorda em parte e o restante discorda totalmente. Essa percepção, em particular, aponta para uma autonomia dos fiéis quanto à orientação da igreja católica, que entende a prática sexual com vista somente para a procriação.

Tabela 1

	Concordo totalmente		Concordo em parte		Nem concordo, nem discordo		Discordo em parte		Discordo totalmente		NS/NR	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Sexo antes do casamento		1	1	5		3	2			1		
Sexo fora do casamento				1		1	1	1	2	7		
Sexo só para procriação				1		1			3	7		1

Já na pergunta sobre celibato de freiras, bispos e padres, os fiéis se aproximaram do cânone católico (TABELA 2). Mas apesar dessa aproximação, esta é uma das perguntas que mais apareceram as “não respostas”, três destas para o celibato, e duas respostas nem concordam nem discordam com o mesmo. A maioria dos entrevistados, seis pessoas, concorda com o celibato e apenas uma discorda totalmente. Quanto à proibição de matrimônio entre os religiosos, verificamos uma maior distribuição de opiniões: quatro pessoas nem concordam nem discordam com a proibição; quatro discordam em parte; outras quatro pessoas concordam com essa determinação e apenas um entrevistado discorda totalmente desta proibição.

Tabela 2

	Concordo totalmente		Concordo em parte		Nem concordo, nem discordo		Discordo em parte		Discordo totalmente		NS/NR	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Não ordenação feminina na Igreja Católica	2	2		2		2		2	1	2		
Celibato de freiras, bispos e padres	2	4			1	1		1		1		3
Proibição de matrimônio de freiras, bispos e padres	1	3			1	3	1	3		1		

A justificativa dos entrevistados que concordam com esta determinação da Igreja é de que os religiosos optam pelo celibato conscientes desta condição, visto que o celibato, no discurso católico, é também um dos meios de se alcançar as graças buscadas pelos religiosos que abraçam essa condição. Aqui recorremos uma vez mais ao artigo de Souza (2008) para concordar que:

“A religião, ainda hoje, exerce uma importante função de produção e reprodução de sistemas simbólicos que têm influência direta sobre as relações sociais de sexo. As representações sociais acerca dos homens e das mulheres, portanto, não podem ser entendidas sem lançarmos o olhar sobre ela e sobre suas implicações na construção social desses sujeitos. Se a religião não mais aparece como constituidora solitária das identidades, principalmente num contexto de identidades múltiplas e frágeis, ela ainda tem um papel importante nesse processo.” (Souza, 2008, p.23)

Prova desta multiplicidade são as respostas obtidas na pergunta referente à não ordenação feminina. Entre os homens, dois discordam e um concorda com a Igreja. Entre as mulheres as opiniões se distribuíram como em nenhuma outra pergunta: duas mulheres discordam em parte; duas discordam totalmente; duas nem concordam nem discordam; duas outras concordam em parte e duas concordam totalmente (TABELA 2). Está presente nestas respostas um subjetivismo excepcional enquanto que em outras respostas há um consenso de mesma intensidade.

Vejam na pergunta aberta sobre a concordância ou não com a distinção de tarefas exercidas por homens e mulheres dentro da hierarquia católica. A maioria, independentemente do gênero, respondeu que não concorda com essa distinção de tarefas na Igreja. Mesmo os que responderam concordar com a Igreja (apenas três), fizeram ou concordam com observações como estas: “Além da igualdade de direitos entre os gêneros, a realidade demonstra que na maioria das vezes as mulheres são muito mais presentes nas atividades da Igreja, portanto merecem igualdade”; ou “tem que ter igualdade, porque é triste quando a mulher anseia por servir e encontra um caminho fechado”; e ainda “se ambos têm capacidade devem exercer as mesmas funções; quem move um e outro é o mesmo Espírito Santo”.

De fato o grupo reflete a constante de outras denominações, segundo as fontes teóricas que buscamos, a saber: uma presença feminina na assembleia superior à masculina. Neste grupo de liturgia, os homens atuam em uma só função enquanto que metade das participantes femininas executa pelo menos mais de uma atividade além da função litúrgica. Entre as atividades acumuladas por elas estão: voluntariado na limpeza da igreja, catequistas, ministras da eucaristia, movimento de São Vicente de Paulo etc.

Aqui encontramos o que pode ser uma “pista”, uma possibilidade para explicar a maior participação de mulheres na vida religiosa em função do estilo de vida que processam. Aparentemente sendo os círculos de convivência social destas limitados (algumas pertencem a clubes de recreação e associações), há na religião uma oportunidade de se realizarem como agentes atuantes do seu viver; esse servir na comunidade traz satisfação e conforto para as mulheres que se dispõem a essas atividades. Este fenômeno de certa forma coincide com os arranjos mais amplos das relações de gênero, citadas por Simone de Beauvoir (1949), onde a mulher é educada para o convívio doméstico, para situações mais circunscritas tanto espacial quanto intelectualmente, e o homem parte para desbravar, conquistar e dominar o mundo.

Para a cientista política Flávia Biroli (2000), essa dualidade entre o público e o privado é responsável por grande parte das questões de dominação perpetuadas em nossas vivências. O homem ao assumir os postos de poder na esfera pública reservou para as mulheres exclusivamente o espaço privado. Privada, portanto, a mulher deixou de desenvolver seu intelecto e suas capacidades individuais para além dos afazeres domésticos. Diz Biroli que a esfera pública, vista como homogênea, na verdade restringi as contestações de diferentes atores sociais, entre eles as mulheres. A dualidade entre o público e o privado serve de ferramenta que mantém as mulheres confinadas à esfera privada para permanecerem domesticadas, mantendo o traço de naturalidade deste arranjo. Ainda segundo esta autora, os grupos feministas buscam, sobretudo, romper com essa dualidade entre as esferas a fim de que nossa sociedade possa ser considerada justa. A democracia, diz ela, requer relações igualitárias em todas as esferas da vida, inclusive a familiar. Em nome de uma privacidade necessária se permitiu que relações de violência se mantivessem fora das discussões públicas, negando principalmente às mulheres direitos básicos como o de denunciar maus tratos, reivindicar melhoria de vida ou de serem ouvidas quando há criação de leis que a elas dizem respeito. Mesmo quando a mulher se profissionaliza, ou trabalha fora de casa, tem que se desdobrar para atender à demanda de ocupações que acaba acumulando nesta dupla jornada de trabalho. Mas não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que nunca houve empenho de inúmeras pessoas (anônimas, silenciadas, negligenciadas) para romper com a dominação em diversos setores da sociedade e também daquelas pessoas inseridas nas religiões.

Nessa mesma dinâmica foram respondidas duas outras perguntas: “Segundo sua visão, a quem devem ser atribuídos os cuidados dos filhos? E os cuidados/tarefas do lar? Por quê?” Estas perguntas sem dúvida foram as que mais refletiram o perfil do grupo de forma coesa. Mais uma vez, tanto os três homens entrevistados e as dez mulheres concordaram que a família, os filhos e o lar são de responsabilidade do casal. Para eles, os filhos são fruto de uma relação de parceria, sendo que os dois são responsáveis pela educação dos filhos e pela formação deste como indivíduos. Nestas respostas, apareceram palavras como suporte, referência e boa estrutura familiar. Entre os entrevistados homens, apenas um ainda não é pai. Entre as mulheres, três não têm filhos, mas ainda assim concordam com os demais sobre a responsabilidade igualitária dos progenitores na educação dos filhos. Uma das entrevistadas tem somente um filho, uma tem quatro, outra tem seis, duas têm dois filhos cada e outras duas têm três filhos cada. Nas justificativas também apareceram observações sobre quando a responsabilidade com os filhos recai sobre apenas uma das partes; é de reconhecimento que tanto o homem quanto a mulher têm condições de cuidar dos filhos ainda que sozinhos.

Quanto ao cuidado e as tarefas do lar, os entrevistados também comungam da mesma opinião. O casal deve dividir os afazeres domésticos. Apareceram ressalvas sobre a disponibilidade de tempo de cada uma das partes, e justificativas quanto ao desgaste que os afazeres causam, principalmente nas mulheres, quando estes afazeres não são divididos entre o casal, e ela tem que enfrentar uma dupla jornada quando trabalha fora de casa. Para alguns entrevistados, se a mulher dispense seu tempo trabalhando fora de casa para contribuir com

a renda familiar, ou seja, ajudando nas despesas, em contrapartida espera-se que o homem contribua nos afazeres domésticos. Esta tensão não se apresentou neste grupo de forma relevante.

De maneira consistente, o teólogo Leonardo Boff (Muraro e Boff, 2002) expõe as diferenças biológicas (sexogênica e biogênica) e socioculturais entre o masculino e o feminino, constatando que a diferença biológica deve ser bem considerada nas análises das relações. As diferenças sexuais biológicas, segundo Boff, se fizeram após milhares de anos de evolução dos seres até que se alcançasse o que temos hoje. As sociedades primitivas anteriores às nossas se organizaram numa relação matriarcal e assim permaneceram por mais alguns milhares de anos. O modo de vida, desses povos coletores, permitia uma partilha mais igualitária dos proventos entre os indivíduos do grupo. A mulher era valorizada pela capacidade de geração da vida. Quando o homem aprendeu que poderia cultivar a terra para garantir seu sustento, se tornou sedentário e não demorou muito a apreender o conceito de propriedade. O direito à propriedade, que incluída também a mulher, levou a humanidade a uma busca desmedida de acúmulo de bens. Boff critica esse sistema injusto e corrompido que tem assolado as riquezas naturais e tem levado a humanidade a um caminho perigoso de destruição. Os mecanismos de dominação que se instalaram há cerca de oito mil anos colocaram os homens na dianteira das relações e esses, ao assumirem o poder de todas as coisas, dominaram não só a natureza, mas também a mulher e todo aquele que se faz minoria. O autor diz que o matriarcado perdurou por muito mais tempo do que tem hoje o patriarcado e já que este arranjo é uma construção relativamente recente para a humanidade, nada impede que o mesmo possa ser reconstruído, reformulado em busca de um equilíbrio que se faz necessário para que um mundo se torne um lugar melhor. Para ele o sistema patriarcal levou às últimas consequências o intuito de dominação do mundo, fazendo com que a humanidade caminhasse em direção à autodestruição. Diante do exposto devemos concordar com Boff quando ele diz que:

“Em face dessa dramática situação, é urgente elaborarmos estratégias de salvamento, pois o tempo corre contra nós. Importa implementarmos alternativas que partam do resgate do feminino, no homem e na mulher, e que simultaneamente, incorporem as conquistas do patriarcado que beneficiam toda humanidade. Urge resgatarmos o melhor de ambas as tradições, a do matriarcado e a do patriarcado, seja como instituições históricas e culturais, seja como arquétipos e valores. Importa inseri-las num novo paradigma no qual os princípios masculino e feminino, os homens e as mulheres juntos, inaugurem uma nova aliança de valorização da alteridade, apreço da reciprocidade e da potenciação das convergências em vista da salvaguarda da integridade do criado e da garantia de um futuro esperançoso para a humanidade e para o planeta Terra.” (Muraro e Boff, 2002, p.20)

Para Biroli (Biroli e Miguel, 2014), o feminismo acredita que é impossível separar a vida privada da vida pública, assim como a vida social não se separa da esfera política; são dimensões que estão totalmente interligadas uma à outra. Quando os direitos são feridos em uma das esferas, o efeito é sentido na outra.

“A experiência que as mulheres desenvolvem na esfera privada, doméstica e familiar produziria identidades socialmente significativas e estaria na base de visões de mundo distintas dos homens - engendrando uma ética fundada na preocupação com o outro e com outros singulares, diferenciada da ética da justiça, fundada em princípios universais, abstratos e impessoais.” (Biroli e Miguel, 2014, p.36)

Essa visão, distinta da visão masculina, seria necessária para desenvolver relações mais humanas nas sociedades contemporâneas. Acreditamos que Boff está de acordo com este pensamento, pois em seu trabalho aqui mencionado, sugere que para o equilíbrio e salvação do mundo devemos desenvolver tais mecanismos de afeto e cuidado com toda a criação. Biroli diz que esta abordagem também apresenta problemas; um deles é o reforço dado ao estereótipo de gênero ou a aproximação da “visão idílica da família e da vida doméstica que as próprias feministas colocaram em questão para que as relações de poder na esfera privada pudessem ser politizadas” (Biroli e Miguel, 2014, p.31 - 46). Ela afirma que os avanços alcançados pelo feminismo nas instituições religiosas são menores que os alcançados nas instituições políticas, e que as autoridades masculinas destas instituições são menos refratárias que aquelas.

Outro exemplo do problema da dualidade entre o público e o privado é apresentado no trabalho de Machado (2015), trabalho este que analisa opiniões de lideranças pentecostais sobre temas de ordem política dos movimentos questionadores da ordem de gênero. A equipe de pesquisa recrutou um número pouco expressivo

de lideranças femininas, talvez pela menor liberdade que estas têm de se posicionarem no âmbito público, e mesmo que não o seja, o fato é que menos mulheres se dispuseram a participar da pesquisa.

A autora faz um recorte preciso sobre identidade de gênero e cargo ocupado nas instituições religiosas, o que interfere diretamente na percepção dos participantes, perpetuando ou atenuando as normas vigentes nestes sistemas. Ela cita também a interpretação teórica da associação das hierarquias religiosas atuantes como atores políticos, incentivados por partidos políticos, movimentos sociais e até mesmo pelo Estado. A participação dessas lideranças em debates políticos têm se efetivado de forma mais firme nos últimos dez anos, diz a autora. Ela diz que há uma tendência de seleção de pautas entre os segmentos religiosos: “A cosmovisão pentecostal valoriza ‘a agência pessoal dos indivíduos’ e lança mão da magia para combater o mal, apresentando, portanto, características contrastantes com o ideário dos direitos humanos, ‘que tende a colocar esses mesmos indivíduos como reféns dos processos sociais’” (Machado, 2015, p.133 -175).

Já o catolicismo, segundo a mesma autora, rejeita os argumentos dos movimentos sociais e trabalha mais em prol de pautas como combate à fome, desigualdade econômica e discriminação racial, diz Machado. É possível perceber claramente as controvérsias inscritas nas relações de gênero no que tange o público e o privado. A pesquisa apresentada revelou que mesmo quando a mulher assume um cargo na congregação religiosa, não quer dizer que seja uma esposa que tenha um tratamento de igual valor no âmbito familiar. E o cargo assumido dificilmente será o mais alto da congregação; ela será uma auxiliar, ou algo próximo. Nem sempre desaparece a distinção hierárquica existente nos lares. E quando a mulher é solteira, separada ou viúva, permanece à margem das posições do poder religioso. Machado expõe várias perspectivas dos entrevistados mostrando a diversidade de opiniões sobre assuntos tidos como controversos, como o aborto e a união homoafetiva. Os debates nas câmaras e nos redutos políticos são encabeçados por bancadas evangélicas que prometem defender a vida e a instituição familiar de leis que atentem contra a solidez da família.

Em nossa pesquisa também fizemos tais perguntas (TABELA 3): “O que você diria quanto à interrupção da gestação?” “Qual a sua posição em relação à não aceitação de casamentos homoafetivos pela Igreja Católica?” Nossos entrevistados responderam da seguinte forma: dois homens e três mulheres discordam totalmente com o procedimento do aborto; um homem e outras três mulheres não concordam nem discordam com o mesmo e quatro mulheres discordaram. A segunda pergunta variou em resposta da mesma forma. Os homens ficaram divididos entre concordar e não concordar com a Igreja; no grupo feminino duas não concordam nem discordam, duas concordam, duas discordam totalmente, uma discorda e uma não respondeu. A observação aqui é que as opiniões são divididas, não há uma coesão em torno da proposta católica, assim como na resposta sobre o divórcio. Podemos assim dizer que esses atores opinam conforme orientações bem particulares baseadas em suas vivências para além da Igreja.

Tabela 3

	Concordo totalmente		Concordo em parte		Nem concordo, nem discordo		Discordo em parte		Discordo totalmente		NS/NR	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Quanto ao divórcio		2		4	3	2			1	1		
Quanto à interrupção da gestação					1	3		3	2	3		1
Posição em relação a não aceitação de casamentos homoafetivos pela Igreja Católica	2			2		3		1	1	2		2

Tomaremos emprestado, neste ponto, a linha de pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu, que explica, em um documentário², o grande desafio que vive um cientista social ante a realidade e as urgências da vida contemporânea, ante as inquietações que o mundo vive. Para Bourdieu, a dominação social é construída e reproduzida nas mais diversas estruturas sociais existentes. Cada uma é um local onde há conflitos de relações entre dominantes e subalternos, mesmo que tudo isso ocorra de forma inconsciente a qualquer uma das partes. Ele diz que, mesmo diante de tantas transformações sociais, o sociólogo encontra a regularidade, a constância

² Documentário: “A Sociologia como esporte de combate”, 2002, dirigido por Pierre Carles.

presente nessas relações de dominação replicada em cada campo social. Como exemplo ele cita a educação de um indivíduo que desde cedo é condicionado à obediência a regras sociais inquestionáveis, primeiro no seio da família, depois na escola, e em sequência nas demais áreas sociais. Bourdieu diz que ao longo da vida o indivíduo se relaciona, ou administra, diferentes capitais existentes na sociedade: capital social, capital econômico e capital cultural. A própria dominação para este sociólogo tem um viés sexual: o Estado, por exemplo, tem uma mão direita masculina, formada pela economia e pelas finanças, e uma mão esquerda feminina, formada pelas áreas sociais (instituições como creches, escolas e hospitais). Bourdieu nota a presença desta dominação também na hierarquia entre os Ministérios públicos. Há, portanto, uma reprodução sistêmica da dominação (Bourdieu, 2002), e a prática de uma violência simbólica em todos os campos sociais, que se perpetua na medida em que não se renovam, não se alteram as formas de pensar e de agir, que são tradicionais e rígidas.

Diante desta constatação não há com o que se admirar se o mesmo fenômeno ocorre também na esfera religiosa. Há muito tempo se estabeleceu, na cultura ocidental, um grupo coeso de dominantes e outro de dominados. Em relação à religião muita coisa já foi dita por diversos pensadores. Filho (1998) diz que “Maquiavel não tem dúvidas quanto ao resultado da conjugação havida entre tradição de virtude dos clássicos e o cristianismo: ela representou uma efeminação do mundo” (Filho, 1998, p.48). Ao abordar esta citação havemos de deduzir que a religião não tem apenas uma face, ou ainda, que cada indivíduo se relaciona com a religião de forma diversa, dependendo também do contexto em que essa relação ocorre. Ao que se apresenta, Maquiavel condena a benevolência do cristianismo como um mal para humanidade (assim como fizeram os romanos na ocasião de queda de seu império, e tantos outros: Nietzsche, Freud, Marx etc.), sendo que toda essa benevolência da religião não é, na mesma intensidade, reconhecida por tantos outros, fiéis ou não. Esta afirmação, por si só, já mostra o quão pejorativo é visto o gênero feminino produzido por esta mesma cultura que a recria. Esse mesmo cristianismo fora, por volta de mil anos antes de Maquiavel, a esperança de muitos através das ações de Agostinho de Hipona, teólogo e filósofo, fiel engajado, segundo Costa (2009), em defesa do cristianismo e de seus valores para a transformação da realidade de muitos dominados e explorados, fazendo inclusive o uso de sua erudição e posição de poder para intervir politicamente requerendo a:

“promulgação de uma lei que dê aos bispos o direito de libertar os escravos, submetidos a esse regime em situações injustas, tais como: crianças, idosos, mulheres (principalmente as jovens, para ser exploradas sexualmente) etc, bem como proíba o tráfico ou comércio de escravos, que havia se tornado um grande negócio ou injustiça social no seu tempo” (Costa, 2009, p.120).

É bem verdade que, com o progressivo aumento do poder alcançado pela Igreja Católica, estes valores foram desvirtuados a ponto de se fazerem necessárias as grandes reformas na referida instituição. Neste recente passado, não tão distante, já que ainda está arraigado nas estruturas de nossas sociedades seus valores e padrões, a religião era sim totalizante na formação do indivíduo e no ordenamento de suas ações tanto no âmbito privado quanto no controle público das instâncias políticas e econômicas da sociedade.

A Igreja Católica é uma instituição milenar que caminha assim como a humanidade, é feita sim por homens, e passível também de enganos e dificuldades. Ela chama a caminhar os que estão dispostos a abraçar a fé e seguir os passos de Jesus, mas nada disso é possível para aqueles que pensam que o caminho pode ser seguido sozinho. Este caminho só é realizável quando feito em comunidade. O distanciamento de um problema não significa que ele está resolvido, por isso se faz necessário verbalizar, anunciar, o que está subentendido; é preciso discutir, ponderar, avaliar e ao menos buscar amenizar as tantas angústias e desigualdades da humanidade.

CONCLUSÃO

Embora a religião na sociedade secularizada já não ocupe mais o lugar de “matriz cultural totalizante”, deixando de ser o centro organizador das relações sociais, ela ainda exerce certa influência no cotidiano das pessoas e na forma como os sexos se reconhecem socialmente. Sem dúvida, essa influência varia enormemente entre as diferentes denominações religiosas e entre os diversos tipos de adeptos. Nesse sentido, longe de esgotar a questão, este artigo teve como singelo objetivo analisar a percepção de fiéis católicos pertencentes à Equipe de Liturgia da Comunidade do Divino Espírito Santo, na cidade de Juiz de Fora, sobre como eles e elas avaliam os papéis, funções e divisões de tarefas entre os gêneros tanto internamente à igreja católica quanto na sociedade como um todo.

Ainda que se trate de um grupo bastante reduzido, de maneira geral, pôde-se presenciar uma relativização do poder significativo da religião católica entre os fiéis entrevistados. Se, por um lado, os entrevistados tendem a concordar com as diretrizes da igreja católica em relação à divisão de funções entre os gêneros dentro do corpo eclesiástico, isto é, entre aqueles e aquelas que escolhem se dedicar à Igreja Católica (padres, bispos e freiras), e mesmo entre aqueles e aquelas que se dedicam enquanto leigos/as, por outro lado, as orientações normativas da igreja sobre os papéis de gênero e sobre os comportamentos sexuais têm menos apelo, apontando, em certo sentido, para uma autonomia dos fiéis quanto à orientação da Igreja Católica. Observou-se, com frequência, através das respostas das entrevistadas e dos entrevistados, que os e as fiéis tendem a produzir um processo de relativização das normativas católicas em relação aos papéis sociais de gênero e aos comportamentos sexuais. Quando perguntado sobre aborto e sobre as relações homoafetivas, sobre as quais a Igreja Católica se posiciona contrariamente, as opiniões dos entrevistados ficaram divididas. Não há uma consenso em torno da proposta católica assim como na resposta sobre o divórcio. Ficou claro que a Igreja já não é mais a única instância formadora dos indivíduos; o capitalismo e a era tecnológica influenciam de maneira intensa nas relações humanas, mas ainda assim há valores religiosos muito caros para estes atores, sendo a família um deles. O grupo entrevistado apresenta um zelo pelo núcleo familiar que pode ser interpretado como um sentimento pertinente à religião que professam, mesmo que isso traga consigo arranjos de reproduções da estrutura de dominação.

Acreditamos que ainda é necessário discutir muito sobre como devemos administrar todas essas diferenças de gênero que propiciam a atual configuração de nossa sociedade, seja em relação à religião, em relação à política ou à vida privada. Poderemos avançar à medida que nos abirmos para a busca de entendimento e para a prática de ações que transformem toda essa realidade de dominação e preconceitos. Existem sim caminhos que podem ser seguidos; devemos agregar conhecimentos e atores capazes de fazer escolhas com ponderação e sensibilidade, considerando a situação daqueles que mais são penalizados pelas desigualdades sociais, buscando o “bem maior” que anseia a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida, vol. 2; tradução Sérgio Millet. - 3. Ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 11-74.
- BIROLI, Flávia. “O Público e o Privado” in BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (orgs). **Feminismo e Política, uma introdução**. SP: Boitempo, 2014. p. 31-46.
- BOURDIEU, Pierre. **“A dominação masculina”**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUENDÍA, Josefa. Gênero e Religião: Dimensão Política da Transgressão. In: ROSADO, Maria José (org.) “Gênero e Religião: sobre um campo em construção”. RJ: Garamond, 2015. p. 115 - 129.
- FILHO, Mário Miranda. Política e Virtude: as origens do pensamento republicano clássico. In: QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Cláudio; Brandão, MARÇAL, Gildo (Orgs.) **Clássicos do Pensamento Político**. 2. Ed. rev.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 23-49.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Controvérsias Sobre as Relações de Gênero e s Sexualidade no Campo Pentecostal Brasileiro. In: ROSADO, Maria José (org.) “Gênero e Religião: sobre um campo em construção”. RJ: Garamond, 2015. p. 133-175.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; FIGUEREDO, Fabiana. “Religião, gênero e política: as evangélicas nas disputas eleitorais da cidade do Rio de Janeiro”. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre: Ed. UFRGS, v. 4, p. 125-148. 2002
- MURARO, Rose Marie e BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino** Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- NUNES-COSTA, Marcos Roberto. **Introdução ao Pensamento Ético-Político de Santo Agostinho**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 51-126.

- PAIVA, Geraldo José de. Estudos psicológicos da experiência religiosa. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 153-160, ago. 1998. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-. Acessado em 25 mai. 2017.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye Bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000". **Estudos Avançados**, São Paulo: Ed. da USP, n. 52, p. 17-28, 2004.
- ROSADO-NUNES, Maria José. **Gênero e religião**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. Mai/ago 2005, vol.13, n.2, pp.363-365. ISSN 0104-026X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>. Acessado em 20 Mai. 2017.
- SOUZA, Sandra Duarte. A Relação entre Religião e Gênero como um Desafio para a Sociologia da Religião. **Caminhos**, Goiânia, v.6, n.1, p. 13-32, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v6i1.924>. Acessado em 29 mai. 2017.
- WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Box**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WEBER, Max. Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções. In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1982.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

Estou desenvolvendo o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e gostaria de saber a sua opinião sobre algumas questões referentes às atividades e papéis sociais destinados aos homens e às mulheres na sociedade em geral e dentro do catolicismo.

Sua participação é voluntária e você pode interromper a entrevista a qualquer momento ou mesmo não responder a determinadas questões se assim o desejar.

Comprometo-me em garantir o anonimato dos/as participantes, assegurando que as informações obtidas serão analisadas de forma agregada, sem prejuízo às pessoas e/ou à comunidade dessa paróquia, respeitando também valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes dos/as participantes dessa pesquisa.

P1) Entrevistado/a: _____ Data _____

P2) Idade: _____ P3) Sexo: _____

P4) Qual é o seu estado civil?

1	Solteiro(a) sem namorado(a) / noivo(a)
2	Solteiro(a), com namorado(a) / noivo(a)
3	Casado (a)
4	Mora junto
5	Separado (a) / Divorciado (a)
6	Viúvo (a)

P5) Tem filhos? Quantos?

P6) Escolaridade

1	Sem instrução
2	Ensino fundamental incompleto
3	Ensino fundamental completo
4	Ensino médio incompleto
5	Ensino médio completo
6	Ensino superior incompleto
7	Ensino superior completo
8	Pós-graduação

P7) Qual é a sua profissão?

P8) Qual é a sua principal situação de trabalho?

1	Empregado(a) com carteira assinada
2	Empregado(a) sem carteira assinada
3	Funcionário(a) público(a) / Militar
4	Profissional liberal
5	Empresário(a) / Empregador(a)
6	Autônomo(a) / Trabalha por conta própria
7	Desempregado(a) e procurou emprego nos últimos 30 dias
8	Desempregado(a) e não procurou emprego nos últimos 30 dias
9	Aposentado (a)
10	Estudante
11	Dona de casa

P9) Cor:

- A) Branca
- B) Preta
- C) Amarela
- D) Parda
- E) Indígena

P10) Renda Familiar Mensal: a opção é referente à soma da renda de todos em sua residência (valor do salário mínimo em maio de 2017: R\$ 937,00).

- A) Até 1 salário mínimo
- B) De 1 a 3 salários mínimos
- C) De 4 a 6
- D) De 7 a 9
- E) Mais de 10

P11) Você já frequentou outras religiões? Se sim, quais? E por quanto tempo?

P12) Há quanto tempo você faz parte dessa congregação?

P13) Você exerce outras atividades nessa paróquia além do grupo de liturgia? Quais?

P14) Você costuma ouvir os pronunciamentos do Papa Francisco? Se sim, qual é a sua avaliação desse pontificado?

P15) Em sua opinião, em relação à não ordenação feminina na Igreja Católica, você diria que:

- A) Concorda totalmente
- B) Concorda
- C) Não concorda, nem discorda
- D) Discorda
- E) Discorda totalmente

P16) Quanto ao celibato de freiras, bispos e padres, você diria que:

- A) Concorda totalmente
- B) Concorda
- C) Não concorda, nem discorda
- D) Discorda
- E) Discorda totalmente

P17) Quanto à proibição de matrimônio de freiras, bispos e padres, você diria que:

- A) Concorda totalmente
- B) Concorda
- C) Não concorda, nem discorda
- D) Discorda
- E) Discorda totalmente

P18) Você concorda que homens e mulheres devem ter funções e atividades distintas dentro da hierarquia católica? Por quê?

P19) Segundo a sua visão, a quem devem ser atribuídos os cuidados dos filhos? Por quê?

P20) Segundo a sua visão, a quem devem ser atribuídos os cuidados/tarefas do lar? Por quê?

P21) Quanto ao divórcio, você diria que:

- A) Concorda totalmente
- B) Concorda
- C) Não concorda, nem discorda
- D) Discorda
- E) Discorda totalmente

P22) Quanto à interrupção da gestação, você diria que:

- A) Concorda totalmente
- B) Concorda
- C) Não concorda, nem discorda

- D) Discorda
- E) Discorda totalmente

P23) Qual é a sua posição em relação à não aceitação de casamentos homo afetivos pela Igreja Católica. Você diria que:

- A) Concorda totalmente
- B) Concorda
- C) Não concorda, nem discorda
- D) Discorda
- E) Discorda totalmente

P24) Qual é a sua opinião em relação ao:

		Concordo totalmente	Concordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Discordo em parte	Discordo totalmente	NS/NR
a)	Sexo antes do casamento	1	2	3	4	5	98
b)	Sexo fora do casamento	1	2	3	4	5	98
c)	Sexo só para procriação	1	2	3	4	5	98